Sugestão de executar Wyllys foi brincadeira, diz desembargadora

Foi "brincadeira", diz a desembargadora Marília Castro Neves, do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, sobre seus comentários a respeito do deputado Jean Wyllys (Psol-RJ). Segundo o parlamentar, a magistrada disse num grupo no Facebook que ele deveria ser executado, por ser a favor de uma "execução profilática". "O problema da esquerda é o mau humor", se defende a desembargadora.

Reprodução

Jean Wyllys renunciou ao seu mandato de deputado federal e deixará o Brasil.
Reprodução

Na mesma entrevista ao jornal *Folha de S.Paulo* em que relatou as declarações da desembargadora, Jean Wyllys, reeleito deputado em outubro, disse que não vai tomar posse. Vai deixar o Brasil, diante das ameaças que vem recebendo. Uma das pessoas que ele diz contribuir para o clima de ódio e antagonismo que encontra nas ruas é a desembargadora Marília Castro Neves. Para ela, no entanto, a esquerda não tem senso de humor.

“A questão é a seguinte: a esquerda é dona de um mau humor profundo", analisa a desembargadora, em entrevista à **ConJur**. "Isso foi falado no meu Facebook particular com um amigo, que não era magistrado. E o nome dele [*Jean Wyllys*] surgiu aleatoriamente na conversa. Eu não sugeri nada de morte dele. Meu amigo é que sugeriu que se houvesse… porque naquela época, tem uns três anos, se discutia intervenção militar, começaram a falar de intervenção militar, se os militares voltassem, o que iriam fazer. E esse meu amigo, de brincadeira – porque era tudo brincadeira no Face, até porque eu só usava o Face naquela época para brincadeira mesmo –, falou ‘mas quem você acha que seria fuzilado?’. Aí eu falei, de brincadeira também: ‘Quem não escaparia de um fuzilamento profilático eu acho que seria o Jean Wyllys’. Mas só isso. Não sugeri que ele fosse morto”, garante.

Na entrevista à *Folha*, publicada na quinta-feira (24/1), Jean relatou o seguinte:

“A violência contra mim foi banalizada de tal maneira que Marília Castro Neves, desembargadora do Rio de Janeiro, sugeriu a minha execução num grupo de magistrados do Facebook. Ela disse que era a favor de uma execução profilática, mas que eu não valeria a bala que me mataria e o pano que limparia a lambança. Na sequência, um dos magistrados falou que eu gostaria de ser executado de costas. E ela respondeu: ‘Não, porque a bala é fina’. Veja a violência com homofobia dita por uma desembargadora

2023 - www.conjur.com.br - Todos os direitos reservados.

do Rio de Janeiro. Como é que posso imaginar que vou estar seguro nesse estado que represento, pelo qual me elegi?"

Na opinião da desembargadora, ela está sendo discriminada por suas opiniões, o que seria um desrespeito à sua liberdade de expressão. "Dizer, como eu disse, que o Jean Wyllys não vale a bala que o mate e o pano que o limpe, é uma opinião. Você vai me condenar pela minha opinião, por que eu não gosto do Jean Wyllys? Eu não gosto dele. Eu não quero que ele morra, eu não desejaria a morte dele, eu jamais promoveria um ato sequer. E se ele fosse ser julgado por mim, por outra ação qualquer, isso não afetaria o meu julgamento em relação a ele, o meu desgostar em relação à atuação dele como parlamentar, como pessoa, como ser humano. O que eu examino não é o nome da pessoa, é o direito que me põem", garante.

Interpretação de texto
De acordo com a magistrada, o deputado federal faz declarações irônicas, mas, quando é alvo delas, diz que foram feitas a sério. Nesta sexta-feira (25/1), Marília divulgou no Facebook que contribuirá com uma vaquinha iniciada pela deputada e militante da rede social Carla Zambelli (PSL-SP). O movimento Nas Ruas, encabeçado pela deputada, foi condenado a pagar R$ 40 mil a Wyllys por danos morais devido a uma publicação no Facebook que associava o deputado a práticas de pedofilia.

"Ele [*Jean Wyllys*] viu nisso uma forma de se promover, porque ele disse coisas muito piores de outras pessoas. Ele cuspiu na cara do Bolsonaro. Ele fez uma ameaça, que foi claramente uma ironia. Leda Nagle perguntou a ele o que ele faria se o mundo acabasse amanhã. Ele respondeu: 'Eu usaria todas as drogas ilícitas e transaria com todo mundo'. E aí foi questionado sobre isso, e ele disse: 'Essas pessoas não percebem que é ironia?'. Quando é contra ele, é sério. Quando é dele para os outros, é ironia. O problema da esquerda é o mau humor", insiste.

Ela nega que tenha contribuído para o clima de homofobia e violência relatados pelo deputado. E duvida que ele seja sincero quanto aos motivos alegados para deixar o país.

"Não sei qual é a razão pela qual ele está saindo. Eu posso até ter uma opinião a respeito, eu posso imaginar a razão, mas acredito que não é essa que ele declarou. Espero que ele seja muito feliz nessa opção, de sair do pais, e que em breve se descubra a razão real da saída dele", afirma.

Marília foi marcada no Facebook em um compartilhamento da entrevista que Wyllys deu à *Folha*. O juiz do Trabalho Ney Rocha comentou na postagem: "Pra mim isso tem um misto de vitimismo e fuga. Está se fechando o cerco ao tal Adélio que deu a facada no Bolsonaro. Jean Wyllys seria um dos possíveis contatos de Adélio". A magistrada respondeu: "Ney Rocha, eu tenho certeza absoluta disso".

À **ConJur**, Marília Castro Neves negou que tivesse acusado Jean Wyllys de ligação com a facada em Bolsonaro. "O 'certeza absoluta' não era em relação a isso. Era em relação a algo que o Ney Rocha tinha falado antes. Eu não posso dizer que ele esteja envolvido com a facada. Eu não sei. Não tenho a menor ideia."

"Não sou especialista"
A desembargadora diz que não é homofóbica e já até abrigou um casal gay em casa. "A minha questão é

2023 - www.conjur.com.br - Todos os direitos reservados.

a seguinte: não consigo identificar as pessoas por cor de pele, orientação sexual, credo. Eu tinha um assessor negro e só me dei conta que ele era negro quando eles fizeram uma brincadeira entre eles".

A desembargadora nega que tenha divulgado mensagens de ódio em redes sociais. Recentemente, compartilhou uma notícia sobre a deputada democrata norte-americana Alexandria Ocasio-Cortez, Marília escreveu: "Socialistas são doentes, são psicopatas, devem ser segregados do convívio social!".

Para Marília, é esquerda quem dissemina ódio. Como exemplo, citou uma palestra que disse ser do reitor da UFRJ, Roberto Leher — na verdade, a palestra é de Mauro Iasi, candidato a presidente pelo PCB em 2014. Nela, Iasi recita o poema "Perguntas a um homem bom", do dramaturgo alemão Bertolt Brecht. Com base nele, diz que oferecerá à direita e ao conservadorismo uma "boa bala" e uma "boa cova".

Questionada pela **ConJur** se o discurso de Iasi não era semelhante, na mensagem, à publicação dela sugerindo o fuzilamento de Wyllys, Marília negou veementemente e retomou os ataques à esquerda.

"Claro que não. Imagina. Não estou mandando matar ninguém. Há um parecer médico, que viralizou na internet, dizendo que o esquerdismo é uma doença mental. Foi um médico, não fui eu que disse." Não se tem notícia desse laudo médico.

"A senhora considera que o esquerdismo é mesmo uma doença mental?", perguntou a **ConJur**. "Eu não considero nada. Eu não sou médica, não sou especialista. Eu acho que eles são perigosos. Eu acho que socialistas com esse tipo de pensamento… As pessoas que dizem que nós, conservadores, temos que ser tratados à bala, têm que ser segregadas da sociedade. Essas pessoas são perigosas. Pessoas que invadem fazendas, lideradas pelo Boulos [*líder de um movimento por moradia*], pelo Stédile [*líder do MST*], são criminosos", respondeu a desembargadora.

Date Created
25/01/2019

2023 - www.conjur.com.br - Todos os direitos reservados.